

A AMBIVALÊNCIA DO CONTEXTO RELIGIOSO: ADOECIMENTO E CURA. APORTES DA TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL

Roney Ricardo Cozzer¹
Sandra Helena do Nascimento²

RESUMO

A subjetividade humana é construída a partir de espaços comunitários, na relação com o outro, a partir do outro. A Igreja, naturalmente, ocupa um lugar primordial neste processo formativo. Ela não deve ser encarada como uma espécie de "ilha" isolada na sociedade. Ela também lida com problemas sociais graves e sente seus reflexos, como no caso da dependência química. Cumpre investigar de que modo suas ações contribuem efetivamente para a prevenção do uso de psicoativos na medida em que vai auxiliando na formação da subjetividade humana através de suas diversas ações que desenvolve, como a Educação Cristã, por exemplo.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja. Subjetividade. Terapia.

ABSTRACT

Human subjectivity is constructed out of communal spaces, in relation to the other, from the other. The Church, of course, occupies a primordial place in this formative process. It should not be seen as a sort of isolated "island" in society. It also deals with serious social problems and feels its reflexes, as in the case of addiction. It is necessary to investigate in what way its actions contribute effectively to the prevention of the use of psychoactive to the extent that it helps in the formation of human subjectivity through its various actions that it develops, such as Christian Education, for example.

KEYWORDS: Church. Subjectivity. Therapy.

INTRODUÇÃO

A Terapia Cognitivo Comportamental (daqui para frente, apenas TCC) se coloca como uma das várias terapias, hoje existentes, com vistas a auxiliar as pessoas em problemas relacionados à sua psique. Como se sabe, a TCC é

¹ Bacharel e Mestre em Teologia. Psicanalista Clínico, Licenciado em Pedagogia com pós-graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica, Licenciado em História com pós-graduação em Metodologia do Ensino da História e da Geografia. Contato: roneyricardoteologia@gmail.com

² Psicóloga e pós-graduanda em Psicopatologia em Dependência Química pela Unyleya. Contato: sandrahelena67@yahoo.com

desenvolvida principalmente a partir dos estudos em torno de quadros de depressão realizados pelo psiquiatra e pesquisador norte-americano Aaron Beck na década de 1960 e atualmente é entendida como uma forma de lidar com diversos tipos de problemas e transtornos psicológicos.³ O interesse pelos problemas de ordem psicológica vem crescendo e esses problemas vêm recebendo atenção especial da comunidade médica também. Reconhece-se que não apenas o aspecto patológico deve ser considerado no tratamento de pessoas que sofrem, mas também os aspectos psicológicos devem ser observados. Assim, a avaliação psicológica se apresenta como um caminho necessário.

O foco da presente pesquisa recai sobre o contexto religioso e as possíveis contribuições para o melhoramento das relações nesse ambiente a partir da TCC. É reconhecido aqui que o ambiente religioso provoca uma ambivalência: tanto é terapêutico como é adoecedor, do ponto de vista emocional e psíquico. A fim de situar e delimitar a presente pesquisa, o interesse recaiu sobre o contexto eclesial protestante, que abarca segmentos com uma enorme variedade de denominações. A despeito dessa variedade, há elementos cúlticos e doutrinários comuns que permitem que essas igrejas sejam agrupadas debaixo da mesma nomenclatura: evangélicas ou protestantes. E vale destacar ainda que até mesmo os problemas são comuns, muitas vezes, bem como as saídas possíveis são também tangíveis a todas elas, respeitando-se, é claro, suas especificidades.

Duas áreas de estudos “encontram-se” na presente pesquisa: a Teologia e a Psicologia. De um lado, a Teologia em face da sua relação com o contexto eclesial, com a Igreja. A Teologia dedica parte de seus esforços a justamente entender o que é a Igreja, em seu aspecto bíblico-teológico, bem como em seu aspecto funcional, orgânico e institucional. A disciplina teológica dedicada a esses estudos é a Eclesiologia, que o teólogo M. Semerano define como sendo “[...] a

³ NEUFELD, Carmem Beatriz. RANGÉ, Bernard P. (org.s.). **Terapia cognitivo-comportamental em grupos: das evidências à prática** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, 2017. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=1tCuDgAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=Terapia+Cognitivo+Comportamental&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwil5beZ0obeAhWLj5AKHfQmATYQ6AEIKDAA#v=onepage&q&f=false>> Acesso em 14 out. 2018.

parte da teologia dogmática que estuda a realidade da Igreja”.⁴ Para o teólogo protestante norte-americano Wayne Grudem, “Igreja” é:

A Igreja é a comunidade de todos os cristãos de todos os tempos. Essa definição compreende que a igreja é feita de todos os verdadeiramente salvos. Paulo afirma: “Cristo amou a igreja e entregou-se a si mesmo por ela” (Ef 5.25). Aqui o termo “igreja” é usado para referir-se a todos aqueles pelos quais Cristo morreu para redimir, todos os salvos pela morte de Cristo.⁵

A definição acima apresentada representa muito bem o sentimento de muitos protestantes em relação ao seu sentimento quanto à Igreja. Denota o elo para a sua pertença ao “corpo de Cristo”. Esta é, pois, uma definição importante neste trabalho. Todavia, esse mesmo “corpo de Cristo” também lida com problemas sérios em seu interior, o que requer de líderes o diálogo com saberes não teológicos para lidar com o complexo psíquico das pessoas. O fechamento em si do saber teológico não só é inviável nos dias atuais, como pode gerar complexos e caricaturas dos problemas enfrentados pelas pessoas, inclusive no ambiente eclesial que, não poucas vezes, é ele mesmo o gerador de problemas de ordem psíquico-emocional. Assim, a TCC é vista aqui como uma dessas possíveis ferramentas para se lidar com essa ambivalência presente no contexto religioso.

1. A TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL

A presente pesquisa aceita o desafio considerável de refletir sobre práticas saudáveis do ambiente eclesial e sobre os problemas desse mesmo ambiente, em diálogo com as contribuições da prática da Terapia Cognitivo Comportamental, daqui por diante apenas TCC. Tal reflexão exigiu dos autores, naturalmente, a capacidade de pesquisar e dialogar com diferentes áreas de pesquisa, mais especificamente a Psicologia e a Teologia, tendo exercido influência o fato de que os próprios autores estão, eles próprios, inseridos no contexto eclesial, desenvolvendo ela mesma atividades junto a comunidades cristãs em regiões de

⁴ SEMERANO, M. *Eclesiologia in*: LEITE, Silvana Cobucci. MARCIONILO, Marcos. *et al. Lexicon: Dicionário Teológico enciclopédico*. São Paulo, SP: Loyola, 2003, p. 221.

⁵ GRUDEM, Wayne A. *Teologia Sistemática*. Trad.: Norio Yamakami. Lucy Yamakami. Luiz A. T. Sayão. Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 715.

carência social e por sua relação com a Psicologia, por formação e pelo exercício da profissão.

Começando pela definição do que é TCC, no segundo capítulo considera-se alguns dos desafios presentes no contexto religioso, atualmente, o que, naturalmente, implicará numa mudança considerável de linguagem neste trabalho, visto que a reflexão, neste caso, recairá sobre o contexto eclesial. Todavia, ao desembocar no capítulo três, o presente trabalho apresentará uma reflexão que é baseada justamente no diálogo entre Teologia e Psicologia, verificação psicológica e realidade eclesial.

A TCC pode ser considerada uma psicoterapia e os psicanalistas Elisabeth Roudinesco e Michel Plon definem “psicoterapia” como sendo um “método de tratamento psicológico das doenças psíquicas que utiliza como meio terapêutico a relação entre o médico e o paciente, sob a forma de uma relação ou de uma transferência”.⁶ A TCC tem ganhado força e se apresenta também em modalidades diferentes: pode ser direcionada ao indivíduo como também a um grupo. A TCC também vem sendo usada no tratamento de diversos tipos de problemas psicológicos. “Com suas diferentes modalidades, ela trouxe várias inovações e obteve um crescimento significativo nos últimos anos, quando comparada com outras formas de psicoterapia”.⁷

A TCC lida com questões fundamentais à constituição da subjetividade humana como a ressignificação de conceitos, de práticas e de emoções. Comportamento, sintomas evidenciados e o contexto social que envolve. Por isto mesmo, é importante – ou mesmo fundamental – que se conheça algumas especificidades desse grupo social que envolve o indivíduo.

A sociedade humana de um modo geral reúne vários tipos de grupos sociais, cada qual com suas características próprias. Sigmund Freud comenta que “[...] é possível distinguir tipos muito diferentes de grupos e linhas opostas em seu desenvolvimento”.⁸ O “pai da Psicanálise” prossegue afirmando:

⁶ ROUDINESCO, Elisabeth. PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Trad.: Vera ribeiro. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 624.

⁷ BESSA, Larissa Medeiros. **Técnicas de Terapia Cognitivo Comportamental**. Brasília, DF: Unyleya, [s.d.], p. 8.

⁸ FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. vol. 18: Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996, p. 99.

Há grupos muito efêmeros e outros extremamente duradouros; grupos homogêneos, constituídos pelos mesmos tipos de indivíduos, e grupos não homogêneos; grupos naturais e grupos artificiais, que exigem uma força externa para mantê-los reunidos; grupos primitivos e grupos altamente organizados, com estrutura definida.⁹

Ele coloca a igreja como um grupo artificial que requer certa força externa para se manter agregada e ainda, para sustentar sua estrutura. Para Freud, um elemento importante para manter essa coesão na Igreja é justamente a convicção de há um líder, o “cabeça da Igreja”, Cristo. Ele chama esta convicção de ilusão.¹⁰ Nesse grupo, os sujeitos estão ligados a Cristo e uns aos outros, partindo do princípio de que Cristo é uma espécie de “pai substituto” para eles. A despeito dessa relação fraterna, ele indica que há certa falta de liberdade do indivíduo no grupo, que implica em limitação na sua própria personalidade.¹¹ Aqui, já se começa a exemplificar, a partir da teoria freudiana, uma das possíveis razões para o adoecimento emocional e psíquico no ambiente eclesial. Mas vale destacar que na relação de fraternidade também residem possibilidades, que podem ser exploradas pela TCC.

A TCC direciona seu enfoque de modo especial ao comportamento e à cognição. Em seu interesse pela cognição humana e seus reflexos sobre o comportamento, direciona sua pesquisa. É claro que aqui está se falando da teoria¹², nem tanto da terapia, ainda que na terapia isto vá ser considerado para orientar o trabalho do terapeuta. A cognição humana vai sendo desenvolvida ao longo da vida, através das experiências e do aprendizado, e de modo cumulativo, avaliativo e seletivo, vai reagindo às demandas do cotidiano. Desse modo, emoções, ações e pensamentos prosseguem numa constante interação. Naturalmente, as técnicas aplicadas pela TCC consideram esses aspectos:

[...] de modo abrangente, as técnicas da terapia cognitiva-comportamental visam trabalhar, em termos de ajustes cognitivos, os padrões e modos de funcionamentos prejudiciais aos indivíduos, considerando o sistema de mútua influência entre pensamento, emoção e comportamento. Dessa forma, por meio de registros de pensamentos disfuncionais, técnicas

⁹ FREUD, vol. 18, 1996, p. 99.

¹⁰ FREUD, vol. 18, 1996, pp. 99,100.

¹¹ FREUD, vol. 18, 1996, pp. 100,01.

¹² Naturalmente, há distinção entre teoria e terapia; aquela enfatiza o aspecto conceitual, esta o aspecto prático.

de reestruturação cognitiva e sistemas de análise das crenças irracionais, busca-se a reformulação ou ressignificação dos padrões disfuncionais por padrões mais funcionais do pensamento, algo que, por sua vez, refletirá também nas emoções e no comportamento da pessoa.¹³

Aaron T. Beeck comenta a respeito do crescimento da TCC e afirma que “[...] um número crescente de diferentes transtornos, e transtornos mais graves, são agora tratados com terapia cognitiva [...]”.¹⁴ Beeck defende ainda a possibilidade de que a TCC seja usada como um meio integrador na prática clínica. De um modo geral, pode ser dito que a TCC é resultado de um trabalho teórico em redor do efeito causado pelas teorias pessoais na vida dos indivíduos. Esses construtos pessoais refletem de modo direto na vida do sujeito, mas nem sempre de modo positivo, podendo ser mal adaptados e assim causar danos à sua saúde emocional e até física. Na TCC, a psicopatologia e psicoterapia se encontram.¹⁵

É defendido no âmbito da TCC que as práticas clínicas sejam orientadas pelas detecções psicoterapêuticas, e o terapeuta atua numa constante interação com o paciente. Essa aceitação por parte do paciente é fundamental, pois é justamente neste ponto que o terapeuta consegue mediar sua cognição ou participar de seu mundo cognitivo. Beck comenta a respeito da importância da participação dos pacientes no processo terapêutico:

Para que haja colaboração é necessário haver estrutura. Os pacientes devem aprender como a melhora é conseguida a fim de verem a si próprios como parceiros colaboradores no empreendimento terapêutico. Para ensinar isso a seus pacientes, os terapeutas devem possuir um aporte teórico para técnicas de tratamento específicas. De outro modo, não há estrutura sobre a qual basear o processo de colaboração. Por outro lado, sem a teoria a prática de psicoterapia se torna um exercício puramente técnico, destituído de qualquer base científica.¹⁶

Na TCC, a cognição é vista como a chave para detecção e consequente tratamento para os transtornos psicológicos. A cognição é fundamental para equilibrar o mundo interior do sujeito e a realidade

¹³ BESSA, [s.d.], p. 10.

¹⁴ BECK, Aaron T. **O poder integrador da terapia cognitiva**. Trad.: Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000, p. 14.

¹⁵ BECK, 2000, p. 21.

¹⁶ BECK, 2000, p. 22.

externa que o envolve. A estrutura cognitiva do sujeito, para adaptar-se ao mundo, precisa dispor de um significado, e em seguida ele combina esse significado cognitivo com o contexto social que interage com aquilo que na Psicanálise é chamado de *self*. O *self* é o eu autêntico que pode ser “soterrado” ao longo da vida por meio da distorção da personalidade.¹⁷

O interesse pelo mundo cognitivo do indivíduo, pela sua subjetividade e constituição psíquica não é exclusivo da Psicologia ou da Psicanálise. A Teologia também se aproxima do tema, ainda que ao seu modo, como se verá adiante e deve, inclusive, ser visto de modo muito positivo, frente aos novos desafios que se colocam diante do sujeito contemporâneo, como o esvaziamento da subjetividade na Pós-modernidade.

Na TCC, a cognição tem sido vista como uma espécie de “ponte clínico-teórica”.¹⁸ Independentemente da abordagem adotada no tratamento de um distúrbio psicológico, a comunicação verbal é um caminho fundamental para se chegar ao ponto do terapeuta conseguir auxiliar o sofrente. “Portanto, um aspecto comum entre as várias psicoterapias é que a terapia envolve comunicação, ou a troca de informação, entre terapeuta e paciente”.¹⁹

O acesso a esse “mundo interior”, ou inconsciente para falar freudianamente, passa pela comunicação entre o terapeuta e o paciente. Por meio dessa comunicação estabelecida, tem lugar uma interação cognitiva. Por mais que pareça simples, essa interação tem sua complexidade e envolve transferência e contratransferência, objetividade e subjetividade, comunicação verbal e não verbal. Para Beck:

Mesmo quando a interação terapêutica clínica inclui a aplicação de outras terapias nominais (tais como técnicas comportamentais ou a livre associação de produtos cognitivos conscientes), a psicoterapia é indiscutivelmente um exercício de troca de informação.²⁰

Naturalmente, o terapeuta poderá usar conceitos variados, oriundos da Psicologia e/ou da Psicanálise para o prosseguimento do atendimento ao cliente, mas o histórico desse paciente será fundamental para que o terapeuta possa assim

¹⁷ ROUDINESCO, 1998, p. 699.

¹⁸ BECK, 2000, p. 47.

¹⁹ BECK, 2000, p. 47.

²⁰ BECK, 2000, pp. 47,48.

direcionar seu atendimento e ajudar o cliente de modo mais efetivo. Os transtornos psicológicos muitas vezes têm origem num longo histórico que vai sendo construído no decurso da vida do cliente. O contexto eclesial, como será demonstrado a seguir, também contribui de modo significativo para esse adoecimento emocional. Por vezes, quando a pessoa chega a procurar ajuda, ela já está na ponta de um longo processo que se agravou e agora precisa ser revertido.

2. MARCAS DO CONTEXTO RELIGIOSO

O contexto eclesial coloca diversos desafios que podem ser atendidos pela Terapia Cognitivo Comportamental. Atualmente, o número de fobias e transtornos é realmente muito grande. O pânico, por exemplo, é um mal que vem atingindo a muitas pessoas e que ainda intriga. Sigmund Freud comenta que não necessariamente é a magnitude de um risco ou perigo que se coloca como a fonte originadora do pânico, visto que por vezes ele se manifesta em situações triviais onde a maioria das pessoas não se sentem ameaçadas de algum modo. Freud comenta: “[...] pertence à própria essência do pânico não apresentar relação com o perigo que ameaça, e irromper frequentemente nas ocasiões mais triviais”.²¹ Mas o pânico é apenas um dentre tantos outros exemplos. Não seria o contexto religioso devedor, em parte, à multiplicação desses males? Fato é que o número de pessoas com doenças emocionais e psicológicas no contexto eclesial é elevado.

O que se procura demonstrar no presente trabalho é que o ambiente cristão muitas vezes apresenta um aspecto vivencial que é duplo. De um lado, se mostra terapêutico, o que não pode ser negado. São muitas as pessoas profundamente restauradas pelo encontro que tiveram, encontro muitas vezes inédito, com a espiritualidade presente em muitos contextos evangélicos. O ambiente religioso proporciona muitos fatores positivos que aqui podem ser, inclusive, elencados, brevemente, e que muito contribuem para a saúde e em alguns casos, para a recuperação emocional das pessoas. Pessoas que foram vítimas de preconceito social, violência sexual, assédio moral, abandono familiar, dentre outros males, encontram na igreja um lugar de apoio e acolhida, podendo trilhar assim o caminho da restauração emocional.

²¹ FREUD, vol. 18, 1996, p. 102.

Mas não se pode negar que há também fatores altamente destrutivos no aspecto psicológico e que até se perpetuam na convivência eclesial. A seguir, serão considerados alguns fatores positivos e depois alguns negativos. Começando, pois, por fatores positivos, pode ser citado o da convivência saudável entre as pessoas, em torno das atividades religiosas que são praticadas no interior das igrejas locais. Do ponto de vista da Teologia, o próprio conceito de “Igreja” está atrelado diretamente à ideia de comunidade. O termo “igreja” indicaria assim um grupo de pessoas redimidas pelo sacrifício de Jesus que vivem numa comunhão entre si, e daí a expressão “irmão” (ou “irmã”) usada entre os cristãos. A igreja é uma comunidade que, inspirada no livro de Atos dos Apóstolos, reparte com seus membros e se reúne regularmente para o culto cristão, onde também encontram instrução mútua nos princípios doutrinários extraídos da Bíblia. No livro de Atos dos Apóstolos há um trecho que pode ser destacado e que aponta justamente para esse arquétipo em relação à comunidade eclesial:

E eles perseveravam no ensino dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor, e muitos sinais e feitos extraordinários eram realizados pelos apóstolos. Todos os que criam estavam unidos e tinham tudo bem comum. Vendiam suas propriedades e bens, e os repartiam com todos, segundo a necessidade de cada um. E perseverando de comum acordo todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus e contando com o favor de todo o povo. E o Senhor lhes acrescentava a cada dia os que iam sendo salvos.²²

Os anseios de fraternidade e de convivência que a igreja procura encontram base em textos neotestamentários como esse. Documentos oficiais de denominações evangélicas procuram também definir o que vem a ser a Igreja e qual a sua missão no mundo. Reconhece-se a igreja como uma espécie de “assembleia universal”, mas também seu aspecto local comunitário:

Creemos, professamos e ensinamos que a Igreja é a assembleia universal dos santos de todos os lugares e de todas as épocas, cujos nomes estão escritos nos céus: “À universal assembleia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus, e a Deus, o juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados” (Hb 12.23). A Igreja foi fundada por nosso Senhor Jesus Cristo,

²² BÍBLIA. Português. Almeida Século 21. 2008. SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. **Bíblia Sagrada Almeida Século 21**/ [Antigo e Novo Testamento]. São Paulo: Vida Nova, Hagnos 2008, Atos 2.42-47.

pois Ele mesmo disse: “sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16.18). Essa pedra é o próprio Cristo: “Ele é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina” (At 4.11), tendo a doutrina dos apóstolos por fundamento e Jesus a principal pedra de esquina: “edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina” (Ef 2.20). Ela, a Igreja, é a coluna e firmeza da verdade. É a comunidade do Senhor. Além de assembleia universal dos crentes em Jesus, o vocábulo “igreja” refere-se a um grupo de crentes em cada localidade geográfica.²³

No aspecto teológico, como se pode perceber logo acima, fica bem claro que a igreja deve ser uma unidade de pessoas que operam em torno de ideais comuns. No aspecto prático, o que se percebe é que há muitos esforços no sentido de produzir coesão e unidade fraterna entre os membros. Como exemplo, pode ser mencionada a ação educacional no contexto evangélico e no contexto católico. Pode ser indicado o trabalho das pastorais, realizado entre comunidades carentes e outros projetos de ação social, todos perpetrados pela Igreja.

Mas a Igreja também lida com dificuldades seríssimas e que precisam receber especial atenção, por terem se tornadas sistêmicas e profundamente enraizadas no interior das denominações evangélicas. Robinson Cavalcante faz importante observação a respeito dessa “Igreja” que neste trabalho se menciona, até para que se entenda quem são as pessoas que constituem esse grupo. E como se poderá notar, a própria definição em torno deste conceito por si só já é complexa, certamente por ser complexa a realidade que ela procura delinear:

A palavra “evangélicos” aparece em três sentidos: no sentido amplo, europeu, é apenas sinônimo de protestante; no sentido amplíssimo, latino-americano, é sinônimo de todo cristão não-católico romano (o IBGE inclui, até, mórmons e testemunhas de Jeová); outro, restrito, específico, no sentido inglês, representa uma vertente da Igreja com ênfase no relacionamento pessoal com Cristo, em reação a uma religião estatal e sacramentalista.²⁴

Como se pode ver na descrição acima do teólogo Cavalcanti, palavra “evangélico” exige ao mínimo uma definição tríplice, que encontra amparo na

²³ SILVA, Esequias Soares da. (org.). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus: Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará.** Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 119.

²⁴ CAVALCANTI, Robinson. **Igreja evangélica: identidade, unidade e serviço.** Viçosa, MG: Ultimato, 2013, p. 07.

História, inclusive. Mas deve ser mencionado ainda que há milhares de denominações abarcadas sobre este epíteto “evangélico”, e denominações que divergem profunda e substancialmente em muitos aspectos.²⁵ Mas alguns pontos, curiosamente, são comuns a elas.

Cavalcanti irá escrever a respeito da perda de identidade evangélica de alguns movimentos que, conquanto operem sob o título de “evangélicos”, nada ou muito pouco tem de “evangélicos”. Cavalcanti é incisivo ao analisar a conjuntura que a Igreja evangélica assumiu no Brasil no decurso dos últimos anos, cenário que sem dúvida contribuiu para o adoecimento emocional das pessoas no interior das denominações evangélicas e esfacelamento do cumprimento do papel missional e social da Igreja:

O dissenso protestante se agravou com a chegada da teologia da prosperidade e a teologia da batalha espiritual, e com o vertiginoso crescimento das igrejas ditas neo (isso/pseudo/pós) pentecostais, carentes de vínculos históricos, doutrinários e teológicos com a herança reformada e evangélica; sociologicamente percebidas como seitas para-protestantes, cuja mensagem nada tem a ver com o que se pregou desde Kalley e o protestantismo (Evangelicalismo brasileiro). O culto-aula deu lugar ao culto-show. Debilitou-se a escola bíblica dominical e deixou-se de cantar hinos com conteúdo teológico – os quais foram substituídos por vagas odes à divindade, que podem ser entoadas por qualquer monoteísta não-cristão. Com o crescimento numérico da segunda e da terceira gerações, fomos além da velha dicotomia “membro comungante” “versus” membro desviado” e passamos a ter os nominais, os ocasionais, os bissextos, os migrantes e o “crentes de IBGE”, que confessam a fé a cada década do Censo, pois não se garante a conversão ou a ortodoxia de descendentes biológicos ou adotivos.²⁶

²⁵ Cavalcanti comenta o seguinte: “O protestantismo brasileiro de missão (1855-1909) foi estabelecido com um alto grau de consenso, mantido por mais de um século. As igrejas congregacionais, presbiterianas, metodistas, batistas, episcopais e cristãs evangélicas partilhavam de uma herança e de uma teologia em comum; um legado que, vindo da Reforma Protestante do Século 16, incluía traços de puritanismo, pietismo, avivalismo e movimento missionário” (CAVALCANTI, 2013, p. 11). Cavalcanti prossegue delineando os diferentes movimentos evangélicos que foram se configurando, mas sempre tendo em comum doutrinas cardeais da fé cristã, como por exemplo, a doutrina da Segunda Vinda de Jesus. Mesmo com a chegada do Pentecostalismo no Brasil, que divergiu substancialmente em alguns aspectos das denominações evangélicas aqui já estabelecidas, ainda assim, nas palavras de Cavalcanti, “éramos todos “crentes”. Apesar das diferenças secundárias e de nossas “cordiais” rivalidades, nos considerávamos parte de um mesmo povo: os evangélicos” (CAVALCANTI, 2013, p. 12). Mas este cenário delineado por Cavalcanti não perdurou, infelizmente. O movimento neopentecostal cresceu vertiginosamente, sendo considerado um movimento sem qualquer vinculação às raízes históricas do movimento evangélico no Brasil. Por vários estudiosos, ele tem sido considerado um pseudomovimento cristão (e pentecostal).

²⁶ CAVALCANTI, 2013, p. 13.

Todo esse abandono, por assim dizer, de características que identificavam de fato o movimento evangélico como “evangélico” pavimentaram o caminho para a chegada de um “cristianismo” brasileiro que até pode ser brasileiro, mas não é cristão, visto que ele rompe radicalmente com pressupostos fundamentais da fé cristã histórica, como foi muito bem descrito por Cavalcanti acima. E esse rompimento tem produzido sérias consequências nas pessoas que frequentam as igrejas situadas nessas matrizes religiosas.

2.1 O consumismo

Destacando-se assim alguns dos males que levam as pessoas ao adoecimento emocional no interior das denominações, pode-se começar destacando aqui o consumismo, consumismo que assume contornos e formas variadas no ambiente eclesial. Pode-se falar do “consumismo religioso” como se pode também falar do “consumismo nas relações” entre as pessoas no contexto das igrejas.

No primeiro caso, “consumismo religioso”, o que ocorre é o estabelecimento de uma religiosidade utilitária e com uma base fortemente egoísta (como é típico do consumismo que apela fortemente ao ego das pessoas). Mas o discipulado cristão vai na contramão desta tendência já que ele trabalha diretamente o caráter das pessoas, o caráter do cristão. Considere-se aqui o sentido destas duas palavras: “consumismo” e “discipulado”. A primeira, “consumismo”, em geral pensada em relação à economia, indica o consumo de bens e serviços, mas inegavelmente, a palavra “consumismo” na Pós-modernidade assume um sentido que está para muito além desse sentido básico.

Elizabeth Gomes comenta o seguinte a respeito do consumismo:

[...] hoje, o desejo de consumo é considerado como de grande importância. É dado imprescindível na máquina que move o mercado. O grande prazer da maioria dos brasileiros é passear no *shopping* e *comprar*. Somos seduzidos pelo prazer de consumir, de comprar, não por causa de uma necessidade verdadeira, mas de uma necessidade percebida, presumida – e pelo simples prazer.²⁷

²⁷ GOMES, Elizabeth. **Ética nas pequenas coisas: orientações simples para quem quer agir com coerência e não sabe a quem perguntar**. 2ª ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Editora Vida, 2010, p. 72.

O consumismo no movimento evangélico, atualmente, saiu dos limites da economia e entrou na relação do cristão com Deus. Muda-se estruturalmente a relação com a atividade religiosa, conduzindo não a uma relação pura e incondicional com o divino, mas para um ativismo religioso marcado por campanhas, “votos”, procissões religiosas, dispêndio de recursos financeiros, atos irrefletidos em nome da fé em Deus como caminhar por uma trilha de sal grosso ou mesmo usar determinada peça de roupa que foi “ungida”. As pessoas passam então a frequentar os cultos não para o serviço cristão, mas para serem abençoadas. Deus deixa de ser o interesse principal da liturgia evangélica e suas benesses tomam o seu próprio lugar no coração do crente. Esquece-se, como afirma Gomes, que “o fato é que só Deus satisfaz a alma”²⁸, como sempre foi entendido no protestantismo histórico, herdeiro do Novo Testamento e da Reforma Protestante.

Diante do exposto acima, configura-se assim um cenário que “transborda” também para o relacionamento com o outro no interior das diversas denominações evangélicas que operam com essa “mecânica” religiosa. Trata-se de uma mecânica onde a engrenagem central é o interesse pessoal, e não a alteridade, o outro, “o amar a Deus acima de todas as coisas”, desenhando assim um claro acinte à fé cristã histórica. Fortalece-se o ego das pessoas, enfraquece-se o “amar ao próximo como a si mesmo”. Apesar deste escândalo teológico, bíblico e eclesial, esse estranho “monstro evangélico” cresceu e ganha adeptos em todo o país. A despeito desse crescimento, contudo, a conta chegou e percebe-se um número crescente de pessoas doentes e carentes de assistência espiritual e emocional.

Como se sabe, o número de suicídios entre pastores é alarmante e preocupa a comunidade evangélica de um modo geral. O Pastor Gedimar de Araújo, em entrevista à **Revista Comunhão**, comenta que “[...] pastores têm uma tendência à solidão e a fazer tudo sozinhos. Muitos trabalham baseados na identidade de servo e não de filho. Não sabem ou não gostam de delegar para outros as tarefas que não são suas prioridades”.²⁹ E claro que os casos de depressão não são exclusividade de pastores. As feridas emocionais acabam se tornando uma consequência quase que inevitável num ambiente que proclama

²⁸ GOMES, 2010, p. 73.

²⁹ **Revista Comunhão**. Especialistas cristãos vão debater “suicídio” entre pastores. Disponível em: <<http://comunhao.com.br/debate-suicidio/>> Acesso em 23 fev. 2019.

Deus e o amor ao próximo, mas na prática lida com problemas relacionais sérios. Nas igrejas evangélicas, seguindo uma tendência que é social, as “relações são tribais”, em que o que determina a continuidade ou não da proximidade é o sentimento de pertença denominacional, da entrega ou não da contribuição financeira e da obediência (muitas vezes, irrefletida) a líderes que são flagrados em delitos e escândalos de ordem moral e financeira.

2.2 Excesso de institucionalização

Aqui reside outro grande desafio para a saúde emocional das pessoas: transitar num ambiente cada vez mais marcado pelas exigências institucionais que criam um ambiente formal demais e burocrático em excesso. Naturalmente, as instituições sociais são uma realidade e não se pode simplesmente evitá-las. Mas no caso da Igreja espera-se que a instituição seja colocada, sobretudo, a serviço das pessoas, do Reino de Deus³⁰. Não raras vezes, o que se percebe é que a instituição tornou-se “pesada”, difícil de ser levada avante e até insuportável. Exigências sem fim, ditames e mais ditames, regras e mais regras, seleção de pessoas, critérios impraticáveis e assim vai se construindo um ambiente que longe de ser terapêutico, torna-se adoecedor.

É normal que as pessoas procurem a Igreja para encontrar amparo e abrigo, numa sociedade cada vez mais competitiva e consumista. Ao se depararem com essa realidade tão definidora, hoje, do ambiente eclesial, sentem-se muitas vezes repelidas (ou expelidas) do ambiente cristão.

A relação da Igreja com a política pode ser colocada aqui como uma ação muito concreta para exemplificar esse “enrijecimento” institucional. Um assunto complexo, que por vezes gera muito desconforto. Os púlpitos muitas vezes deixam de atender à finalidade à que são destinados para atenderem a agendas políticas. Uma pesquisa apontada pelo *site Gospel Prime* indica que, nos Estados

³⁰ Expressão muito cara aos evangélicos, que denota o “raio de ação” de Deus por meio de sua graça e evangelho salvador. O Reino de Deus diz respeito assim ao domínio da graça de Deus nos corações dos homens em todo o mundo que recebem a Jesus como Senhor e Salvador de suas vidas.

Unidos, uma das razões das pessoas saírem da Igreja é que “a igreja tomou uma posição política que discordavam”.³¹

Na pesquisa mencionada acima, outra das várias razões apresentadas para as pessoas abandonarem a Igreja é que “a burocracia da igreja é ‘sufocante’”.³² A pesquisa conduzida pelo Dr. Josh Packard tem um título sugestivo que indica justamente esse desgaste da religião institucionalizada: “Êxodo dos religiosos cansados” e o mesmo Doutor Josh também é autor de um livro intitulado: **Refugiados da Igreja: sociólogos revelam por que as pessoas abandonam a igreja, mas não a fé.** Naturalmente, é preciso considerar o fato de que as pessoas estão saindo da Igreja aos montes não meramente por caprichos pessoais, ainda que esta seja uma causa, mas sim por razões sérias que acabam por inviabilizar, de fato, a permanência num ambiente que acaba se tornando hostil, por mais paradoxal que isto possa parecer.

O princípio do evangelho, que deve reger a Igreja, é “levar as cargas uns dos outros”³³, e ainda, a unidade em torno de uma fé comum, como se pode ler no livro de Atos³⁴, no Novo Testamento. Conquanto o cristão seja chamado à responsabilidade individual, como em Gálatas 6.4,⁵³⁵, ele também é chamado a viver em unidade e a se importar sempre com o outro, doando e doando-se por ele. E sem dúvida, a construção de uma instituição religiosa, que é necessária, haverá de se harmonizar melhor com o que se espera da Igreja quanto aos ideais, acima mencionados, se estes forem observados, entendendo-se que a pessoa humana deve estar acima de qualquer instituição.

3. APORTES DA TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL

A esta altura deste trabalho, cumpre lançar a pergunta: Como pode a TCC contribuir efetivamente para a melhora das relações no interior das igrejas? A relação é coerente visto que há um interesse comum entre a Igreja e a TCC, que é

³¹ **Gospel Prime [site]. Pesquisa revela por que as pessoas abandonam a Igreja.** Disponível em: <<https://www.gospelprime.com.br/pesquisa-por-que-abandonam-igreja/>> Acesso em 23 fev. 2019.

³² **Gospel Prime [site]. Pesquisa revela por que as pessoas abandonam a Igreja.** Disponível em: <<https://www.gospelprime.com.br/pesquisa-por-que-abandonam-igreja/>> Acesso em 23 fev. 2019.

³³ BÍBLIA. Português. Almeida Século 21. 2008. SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. **Bíblia Sagrada Almeida Século 21/** [Antigo e Novo Testamento]. São Paulo: Vida Nova, Hagnos 2008, Gálatas 6.2.

³⁴ **Bíblia Sagrada Almeida Século 21**, 2008, Atos 2.44.

³⁵ **Bíblia Sagrada Almeida Século 21**, 2008, Gálatas 6.4,5.

o comportamento humano. Ainda que a Igreja encare esta questão mais pelo aspecto ético, e a TCC com vistas a tratar determinadas doenças psicológicas, não deixa de ser um ponto de convergência muito interessante a ser explorado como ponte de diálogo e abertura.

O primeiro aporte que merece ser destacado aqui é que o conhecimento especializado que se espera de um terapeuta cognitivo comportamental pode ser usado no sentido de conscientizar a comunidade de fé de que nem todo comportamento aparentemente estranho e, em alguns casos, até bizarros, devem ser encarados pelas lentes da espiritualidade, mas sim pelas lentes da Psicologia. Há pessoas no interior de muitas denominações evangélicas que por não se abrirem a uma ajuda especializada, isto é, profissional, por carregarem complexos religiosos, acabam fazendo perdurar seu próprio sofrimento e em muitos casos, fazendo também com que outras pessoas sofram de igual modo ou tanto quanto.

A problemática comportamental humana é um fato para muito além dos limites da Igreja, e naturalmente, o contexto evangélico sente os impactos de uma sociedade adoecida emocionalmente. A forma como esses problemas serão encarados influi diretamente na resposta que se dará a eles. Encarar problemas psicológicos sempre e unicamente sob o viés religioso não é um caminho viável para ajudar os sofrentes no interior das denominações cristãs. Um pastor irá escrever em 2007 o seguinte sobre a depressão:

Estima-se que 20% das pessoas estão sofrendo com problemas depressivos. Segundo a OMS, a depressão aumenta na proporção de 1% ao ano e a previsão é que ela será o principal problema de saúde até 2020.

Tanto a psiquiatria quanto a psicologia têm feito grandes avanços no campo dos distúrbios depressivos, porém ainda “derrapam” numa série de paradigmas errados, experimentando uma grande margem de ineficiência.

[...] O que vemos, na prática, é que a abordagem pastoral em associação com as demais abordagens, devidamente peneiradas, parece produzir os melhores resultados diante do enorme desafio que envolve qualquer quadro depressivo.³⁶

Percebe-se na fala do pastor que ele reconhece a importância de ciências que estudam o comportamento humano, ainda que entendendo que elas são limitadas,

³⁶ BORGES, Marcos de Souza. **As raízes da depressão**. Almirante Tamandaré, PR: Marcos de Souza Borges Edição e Distribuição de Livros, 2007, p. 07.

mas enfatiza a importância do trabalho pastora. Noutras palavras, ele propõe que haja uma ação colaborativa entre trabalho especializado e ação pastoral.

A TCC reflete sobre a cosmovisão das pessoas. Este é outro aporte importante que pode ser buscado para o contexto religioso. Beck comenta que:

Existe uma superposição entre elementos da teoria cognitiva e da terapia do comportamento [...]. Por exemplo, em relação à importância das consequências de um dado comportamento, a teoria cognitiva não é inconsistente com a teoria comportamental radical. Na verdade, Skinner (1981) apresentou argumentos e evidências irrefutáveis de que o comportamento é frequentemente selecionado por suas consequências.³⁷

Percebe-se que as consequências dos comportamentos, paradoxalmente, influem sobre eles. E a maneira como as pessoas irão encarar os fatos da vida, pode incidir diretamente sobre sua saúde emocional e até física. Noutras palavras, não é incorreto afirmar que o terapeuta cognitivo comportamental precisa entender, ao menos quanto à superfície, como pensa o seu paciente e como ele encara a si mesmo, ao outro e ao mundo.

O interesse pela cosmovisão é um ponto em comum para a TCC e a religião. O Cristianismo trata a questão da cosmovisão com muito apreço, de fato. Fala-se de uma “cosmovisão cristã”, ainda que alguns autores também cristãos possam negar tal pressuposto.³⁸

A palavra “cosmovisão” indica um conjunto de crenças que uma pessoa tem. Esse conjunto vai sendo forjado ao longo da vida por meio de influências externas como a família, a própria Igreja, a escola, dentre outros agentes sociais. Numa perspectiva mais teológica, Michael D. Palmer comenta que embora uma cosmovisão seja um conjunto de valores que a pessoa tem, nem todo conjunto de valores representa, necessariamente, uma cosmovisão, visto que para ser uma cosmovisão é preciso haver coerência entre esses valores. Noutras palavras, o que Palmer está afirmando é que uma cosmovisão deve ser uma forma unificada entre valores correlacionados entre si pelos quais o sujeito olha o mundo.³⁹

³⁷ BECK, 2000, p. 53.

³⁸ Cf.: CARVALHO, César Moisés. **Pentecostalismo e Pós-modernidade: quando a experiência sobrepõe-se à Teologia.** Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

³⁹ PALMER, Michael D. (ed.). **Panorama do pensamento cristão.** Trad.: Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 21ss.

Palmer comenta:

No mínimo, uma cosmovisão é um conjunto de crenças que são consistentes entre si e que formam um ponto de vista unificado. Mas até esta descrição não é adequada. Por exemplo, um conjunto de crenças sobre geometria, outro sobre o equilíbrio de orçamento nacional e outro sobre navegação numa grande rede computadores como a Internet podem exibir consistências e unidade de perspectiva, mas nenhum destes conjuntos de crenças constitui uma cosmovisão.⁴⁰

A Igreja irá buscar orientar eticamente o indivíduo, geralmente através do trabalho de educação cristã, quanto a sua ação no mundo. A TCC por sua vez reconhece que o comportamento do indivíduo precisa ser pensado em termos de dispêndio de energia. Beck comenta que “[...] o behaviorista Donald Whaley (1978) identificou quatro relações óbvias entre comportamento e seus resultados de longo alcance: 1. persistir quando se deveria; 2. persistir quando não se deveria; 3. desistir quando se deveria, e 4. desistir quando não se deveria”.⁴¹

No contexto cristão, ainda que ao seu modo, o interesse pelo comportamento busca justamente entender de que maneira os princípios cristãos para a vida podem ser usados de modo que a pessoa progrida na fé e na vida assim denominada “vida cristã”. Num constante devir de consolidações de ideias e práticas e também de revisões conceituais de crenças e práticas⁴², o sujeito prossegue sua marcha ao longo da vida, podendo melhorar ou acumular problemas de ordem emocional, psicológica e ética. Se a Igreja aplica os valores cristãos e admite a possibilidade de ajuda oriunda de ciências como a TCC, isto sem dúvida contribuirá muito para os indivíduos no interior das igrejas locais.

A TCC alerta para a importância dos pensamentos na vida das pessoas. Beck refletiu sobre os “pensamentos distorcidos”. Os terapeutas cognitivos comportamentais entendem a importância dos pensamentos em ordem. Esta organização mental é de grande importância para a vida do paciente e refletirá nas diversas esferas de sua vida.

Como visto anteriormente neste trabalho, o ambiente religioso se mostra por vezes confuso, adocedor e marcado por complexos. Mas esse mesmo ambiente

⁴⁰ PALMER, 2001, p. 22.

⁴¹ BECK, 2000, p. 54.

⁴² Cf.: PALMER, 2001, p. 24.

pode ser melhorado, inclusive recorrendo-se a esses pressupostos da TCC. O ser humano em alguns momentos de sua vida experimenta conflitos internos de ordem cognitiva que precisam ser pacificados. Esses conflitos podem se originar da incapacidade da pessoa de acomodar as informações que recebe do mundo externo. Beck comenta que “[...] a função cognitiva de conferir significados é o principal caminho para a adaptação psicológica”.⁴³ Convicções religiosas tanto podem contribuir para essa adaptação como podem agravar a dificuldade dela ocorrer. Nessa hora, a intervenção de um terapeuta cognitivo comportamental pode ser muito saudável, entendendo-se que ele respeitará o universo religioso no qual o paciente está inserido.

CONCLUSÃO

A TCC, interessada no comportamento humano, olha também para as crenças e lança importante contribuição para o contexto eclesial, onde as pessoas não estão imunes de fato à uma possível desorganização mental. A exposição constante aos pensamentos pessimistas e equivocados podem conduzir a pessoa a uma série de problemas. Na vida profissional, o indivíduo pode se deparar com alguns "travamentos" que podem prejudicar seriamente sua atividade normal. Na vida emocional, afetiva e familiar, pode levá-lo a rupturas profundas nessas relações gerando novas feridas emocionais, como também leva-lo a ferir outros. Com efeito, a gestão própria das emoções é uma arte que requer ajuda técnica, em certa medida e em alguns casos, com grande urgência. A TCC, pois, nessa conjuntura, pode ser muito útil realmente e daí a importância de que o contexto cristão possa buscar aportes na TCC.

Durante este trabalho foi apresentada uma breve definição do que é a TCC, o que permitiu assim entender de que maneira ela pode ser usada a serviço do contexto cristão, que por sua vez apresenta seus enormes desafios. Sem essa compreensão prévia esse esforço seria estéril, certamente. Não foi pressuposto aqui que o ambiente eclesial seja apenas adoecedor. Pelo contrário, reconhece-se que ele apresenta benefícios, mas admitindo que há desafios presentes nesse mesmo contexto que contribuem diretamente para o adoecimento das pessoas em termos emocionais e psicológicos.

⁴³ BECK, 2000, p. 64.

A definição *a priori* do que vem a ser a TCC sinaliza de que ela se trata de um fazer terapêutico baseado no relacionamento entre médico e paciente, conforme afirmado por Roudinesco e Plon.⁴⁴ Naturalmente, esse relacionamento é profissional e distinto do que ocorre na vida das pessoas no interior das diferentes denominações cristãs. Conforme foi demonstrado, a TCC lida com questões que tocam profundamente a subjetividade humana ressignificando assim conceitos e valores, quando necessário. Aqui já se pode perceber uma utilidade muito concreta da TCC – e também um grande benefício – quando se reconhece que determinados paradigmas religiosos podem ser altamente prejudiciais e reducionistas, sendo necessária uma revisão na forma de encarar a vida por parte do paciente.

Conforme foi observado na segunda parte deste artigo, alguns fatores vêm marcando o contexto religioso, como por exemplo, o consumismo, que nas diferentes denominações assume uma roupagem religiosa, mas continua sendo consumismo em sua essência. Levado para as relações interpessoais, é sempre destrutivo. Evidentemente, os assuntos aqui levantados merecem ser desdobrados, o que justifica a continuidade desta pesquisa. Não só pela amplitude possível dos temas aqui desenvolvidos, mas também pela contribuição que uma pesquisa desta natureza pode trazer, para ambos os lados. Para os terapeutas cognitivos-comportamentais, a abertura para a percepção das “idiosincrasias” do mundo religioso que, em muitos casos, pode não ser compartilhado por eles mesmos, o que certamente dificultaria o trabalho de percepção e identificação dos problemas que marcam esse ambiente. Para os cristãos, a abertura necessária para receber ajuda da TCC, por compreenderem que não estão imunes a necessitarem desse tipo de auxílio em algum momento de suas vidas, inclusive em decorrência de problemas enfrentados na vivência eclesial.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad.: Alfredo Bossi. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BAUMAN, Zigmund. **Modernidade Líquida**. Trad.: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

⁴⁴ ROUDINESCO. PLON, 1998, p. 624.

BECK, Aaron T. **O poder integrador da terapia cognitiva**. Trad.: Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

BESSA, Larissa Medeiros. **Técnicas de Terapia Cognitivo Comportamental**. Brasília, DF: Unyleya, [s.d.].

BÍBLIA. Português. Almeida Século 21. 2008. SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. **Bíblia Sagrada Almeida Século 21** [Antigo e Novo Testamento]. São Paulo: Vida Nova, Hagnos 2008.

BORGES, Marcos de Souza. **As raízes da depressão**. Almirante Tamandaré, PR: Marcos de Souza Borges Edição e Distribuição de Livros, 2007.

CARVALHO, César Moisés. **Pentecostalismo e Pós-modernidade: quando a experiência sobrepõe-se à Teologia**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

CAVALCANTI, Robinson. **Igreja evangélica: identidade, unidade e serviço**. Viçosa, MG: Ultimato, 2013.

COSTA, Ileno Ilzídio da. Mal-estar, subjetividade e psicose: reflexões a partir do sistema familiar. **Revista Mal Estar e Subjetividade**. (versão *online*). vol. 1. nº 1. set. 2001. Disponível em: <pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482001000100008> Acesso em 08 fev. 2018.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Doença mental e Psicologia**. Trad.: Lilian Rose Shalders. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro LTDA, 1975.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. vol. 18: Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

GOMES, Elizabeth. **Ética nas pequenas coisas: orientações simples para quem quer agir com coerência e não sabe a quem perguntar**. 2ª ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Editora Vida, 2010.

Gospel Prime [site]. Pesquisa revela por que as pessoas abandonam a Igreja. Disponível em: <<https://www.gospelprime.com.br/pesquisa-por-que-abandonam-igreja/>> Acesso em 23 fev. 2019.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática**. Trad.: Norio Yamakami. Lucy Yamakami. Luiz A. T. Sayão. Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Vida Nova, 1999.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Revista Interações**. vol. 2. nº 13. jan.-jun. 2002.

MENDES, Elizaine Domingues. PRÓCHNO, Caio César S. C. Corpo e novas formas de subjetividade. **Psychê**. vol. 8. nº 15. São Paulo. dez. 2004, p. 2. Disponível em: <pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-11382004000200009&script=sci_arttext> Acesso em 20 mar. 2018.

NEUFELD, Carmem Beatriz. RANGÉ, Bernard P. (org.s.). **Terapia cognitivo-comportamental em grupos: das evidências à prática** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, 2017. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=1tCuDgAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=Terapia+Cognitivo+Comportamental&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwil5beZ0obeAhWLj5AKHfQmATYQ6AEIKDAA#v=onepage&q&f=false>> Acesso em 14 out. 2018.

NEVES DA SILVA, Claudia. COSTA, Selma Frossard. As ações assistenciais promovidas pelas igrejas pentecostais e suas expressões na política de assistência social do município de Londrina. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 28, n.1, p. 45-58, jan./jun. 2007.

PALMER, Michael D. (ed.). **Panorama do pensamento cristão**. Trad.: Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

PIAGET, Jean. **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

Prevenção do uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias. 5ª ed. Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Brasília: SENAD, 2013.

Revista Comunhão. [site]. Especialistas cristãos vão debater “suicídio” entre pastores. Disponível em: <<http://comunhao.com.br/debate-suicidio/>> Acesso em 23 fev. 2019.

ROUDINESCO, Elisabeth. PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Trad.: Vera ribeiro. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SEMERANO, M. *Eclesiologia in*: LEITE, Silvana Cobucci. MARCIONILO, Marcos. *et al.* **Lexicon: Dicionário Teológico enciclopédico**. São Paulo, SP: Loyola, 2003.

SILVA, Esequias Soares da. (org.). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus: Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará.** Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

TRIGO, Ana. Estado laico, acolhimento religioso: as discrepâncias no atendimento aos dependentes químicos em São Paulo. **Último Andar.** São Paulo, nº 26, 2015.